

A ESCOLA DE CHICAGO E A DIMENSÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO

THE CHICAGO SCHOOL AND THE THEMATIC DIMENSION OF INFORMATION

Keitty Rodrigues Vieira^a

Marisa Bräscher^b

Eva Cristina Leite da Silva^c

Cezar Karpinski^d

RESUMO

Introdução: O artigo propõe o diálogo entre uma obra específica com a corrente norte-americana proveniente do movimento da Escola de Chicago, que influencia na catalogação de assunto amplamente utilizada e debatida em meio científico até os dias atuais. Entende-se que tal discussão contribui para o avanço teórico da área. **Objetivo:** Verificar, por meio da produção bibliográfica, como as características teóricas da dimensão temática da informação norte-americana influenciaram ou foram influenciadas pela obra “Catálogo Sistemático: princípios básicos” de Jesse Shera e Margaret Egan da Escola de Chicago. **Metodologia:** Trata-se de um artigo de revisão, pautado em pesquisa exploratória e descritiva, tendo como fonte as referências bibliográficas que foram analisadas a partir do método histórico. Nesse processo, a fonte é entendida como um produto final que engloba intenções, conflitos e relações de poder, tanto no aspecto da autoridade quanto da sua circulação. **Resultados:** Descreve o processo de fundamentação teórica no campo do tratamento temático da informação com enfoque na perspectiva norte-americana representada pela obra e autores selecionados. Apresenta a influência do campo “assunto” na catalogação sistemática, mostrando que esta foi a principal proposta da obra analisada. **Conclusões:** Conclui-se que a preocupação biblioteconômica do acesso à informação com o foco no usuário, paradigma atual na Ciência da Informação, está fortemente relacionada ao movimento da Escola de Chicago.

^a Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN-UFSC). E-mail: keitty_rodriguesvieira@hotmail.com

^b Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (Unb). Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: marisa.brascher@gmail.com

^c Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: eva.cristina@ufsc.br

^d Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN-UFSC). E-mail: cezark@hotmail.com

Descritores: Tratamento temático da informação. Catalogação de assunto. Catálogo sistemático.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a representação da informação documentária seguiu duas perspectivas: a física e a temática. Tanto a vertente física, quanto a temática sofreram e sofrem influências históricas que forjaram suas características e aplicabilidade na Biblioteconomia que, por sua vez, reverberam nas discussões presentes também no campo epistemológico da Ciência da Informação. Nesse sentido, a proposta deste artigo é a de destacar o aspecto temático da representação da informação a partir de um viés histórico, focalizando a perspectiva teórica norte-americana.

Isto porque, de acordo com Guimarães (2008), a representação temática da informação teve três correntes norteadoras: a corrente norte-americana; a corrente inglesa; e a corrente francesa. A primeira deu origem a grandes e notórios sistemas de classificação como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), a Tabela de Cutter e a classificação da *Library of Congress*. Piedade (1983) já mencionava a influência da vertente norte-americana no desenvolvimento das práticas e teorias relacionadas à representação temática da informação sob a perspectiva da catalogação de assunto.

Nesse contexto, é forçoso inserir também as contribuições da Escola de Chicago para a área da representação da informação, principalmente a partir da produção de Jesse Hauk Shera e Margaret Elizabeth Egan. Especificamente sobre a perspectiva temática, se torna importante uma análise à obra “Catálogo Sistemático: princípios básicos”, publicado em 1956. Diante do exposto, torna-se pertinente perguntar: Como os aspectos referentes à perspectiva norte-americana na dimensão temática da informação se fazem presentes na obra “Catálogo Sistemático: princípios básicos” de Jesse Shera e Margaret Egan?

Para responder esta questão, formulou-se como objetivo geral verificar, por meio da produção bibliográfica, como as características teóricas da dimensão temática da informação norte-americana influenciaram ou foram influenciadas pela obra “Catálogo Sistemático: princípios básicos” de Shera e

Egan.

De forma específica, objetivou-se: situar a perspectiva norte-americana dentro das correntes influentes na dimensão temática da informação; descrever os principais aspectos da perspectiva norte-americana; e analisar a obra “Catálogo Sistemático: princípios básicos” de Shera e Egan (1969) com base nos aspectos característicos da perspectiva norte-americana.

O tema e a abordagem deste artigo se justificam pela proposta de analisar uma das obras escritas em parceria de Jesse Shera e Margaret Egan, autores importantes e influentes nos estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação. Ambos os autores fizeram parte do movimento denominado “Escola de Chicago” que, segundo Guimarães (2008), influenciou os estudos da corrente norte-americana sob a perspectiva do desenvolvimento da catalogação de assunto.

Individualmente ou em parceria, Egan e Shera produziram obras de referência teórica para a Biblioteconomia e que, hodiernamente, contribuem sobremaneira para as discussões históricas e/ou epistemológicas na Ciência da Informação. Em estudo feito por Vieira (2016), pode-se verificar as seguintes referências: Shera e Egan (1951); Shera e Egan (1953); Shera e Egan (1963); Shera e Egan (1950); Shera e Egan (1952). Dessa forma, a análise da obra “Catálogo Sistemático: princípios básicos” de 1956 pode fornecer importantes subsídios para a área da Ciência da Informação, em especial para a chamada “vertente humanística” da área, da qual os autores da Escola de Chicago são importantes referências.

Além disso, este diálogo entre uma obra específica de um autor norte-americano com a corrente norte-americana que contribui para a catalogação de assunto amplamente utilizada e debatida em meio científico até os dias atuais, traz à luz outros debates que buscam contribuir para o avanço teórico da área.

Trata-se ainda de um artigo de revisão, pautado em pesquisa exploratória e descritiva, tendo como fonte as referências bibliográficas que foram analisadas a partir do método histórico. Este, por sua vez, pode ser definido como uma técnica interdisciplinar que analisa a fonte de informação de forma crítica, levando em consideração o contexto de sua produção e o conteúdo discursivo

que tende a instaurar. Nesse processo, a fonte é entendida como um produto final que engloba intenções, conflitos e relações de poder, tanto no aspecto da autoridade quanto da sua circulação.

Conclui-se que a obra “Catálogo Sistemático: princípios básicos” é um produto originado a partir das concepções da vertente norte-americana na dimensão temática da informação que se preocupa com o tratamento documental partindo de instrumentos que possuem regras pré-estabelecidas. Além disso, o envolvimento dos autores com o movimento da Escola de Chicago reforça a presença de uma abordagem pragmática na construção das ideias elencadas no livro em estudo.

2 HISTÓRIA DA DIMENSÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO NA PERSPECTIVA NORTE-AMERICANA

As técnicas de representação da informação, das quais a dimensão temática faz parte, integram o que se convencionou chamar de Organização do Conhecimento - OC. De caráter interdisciplinar, a OC vem se destacando ao longo das últimas décadas como uma área específica da Ciência da Informação, mas que tem forte vínculo integrador com outras áreas do conhecimento. Segundo Barité (1997), a organização do conhecimento é uma área que estuda leis, princípios e procedimentos que estruturam a produção de conhecimento. A partir deste escopo, sua principal função é constituir a representação da informação, de modo que viabilize a sua recuperação, sempre atendendo às necessidades dos usuários.

Ao longo da história, é possível perceber que a busca por organização e representação do conhecimento de forma sistemática iniciou com os grandes filósofos, dos quais citam-se Platão (428-348 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.). Antes disso, segundo Dahlberg (1978), desde o início do desenvolvimento da fala, constituiu-se uma necessidade humana de designar palavras (símbolos) para nomear os objetos.

Contudo, foi com a Revolução Científica que a necessidade de organizar o conhecimento produzido tornou-se mais evidente. Chartier (1999) explica que, entre os séculos XIX e XX, houve um processo de universalização da leitura

proveniente da multiplicação de livros a partir da invenção da Imprensa de Gutenberg. Outro autor que investigou o papel histórico da leitura na consolidação dos processos de OC a partir do Século XIX foi Burke (2003). Segundo ele, neste período se constituiu um modo de leitura sistemático, inclusive com lugares próprios para essa prática. Assim, segundo Burke (2003), as bibliotecas se transformaram em centros de estudos cuja tendência foi só aumentar, tanto no seu tamanho físico e exuberância arquitetônica, quanto na sua importância social.

Conseqüentemente, a necessidade de organização documental para sua posterior recuperação se tornou crucial, acompanhando o processo de aumento da produção científica e da busca pela informação originada nesse processo de universalização da leitura. Nesse sentido, os profissionais que trabalhavam nas bibliotecas passaram a pensar em formas sistemáticas de representar a ordenação do próprio acervo.

Desde então, a representação da informação tem se dado tanto por meio da descrição física quanto temática da documentação. No que se refere à representação temática da informação, Melo e Bräscher (2014, p. 68) a definem como um tipo de representação de nível secundário que desempenha a função de substituir o conteúdo do objeto informacional por um conjunto de elementos descritivos decorrentes da análise conceitual e síntese dos assuntos que apresentam. Sendo assim, entende-se que o processo de transformação do conteúdo do objeto informacional em representação que consiga, de fato, remeter ao assunto tratado no documento é um desafio. Este repto perpassa tanto os sistemas de organização do conhecimento quanto às teorias de classificação que, juntos ou separados, visam representar o conhecimento de determinado domínio.

Com base em Guimarães (2008) e Café e Sales (2010), se entende que três foram as correntes predominantes durante o processo de consolidação histórica da representação temática da informação: a corrente norte-americana desenvolvida por volta do século XIX que se preocupou com a catalogação de assunto; a corrente inglesa voltada para o desenvolvimento da indexação e que surgiu já no século XX, a partir dos anos 1950; e, também no século XX, mas a

partir da década de 1960, a corrente francesa, focada na análise documental e que se desenvolveu a partir de aportes interdisciplinares.

2.1 A CORRENTE NORTE-AMERICANA

A corrente norte-americana baseia o tratamento documental no uso de técnicas a partir de regras pré-estabelecidas. Redigolo (2010, p. 14) afirma que a Catalogação de assunto “[...] consiste em examinar o documento, de modo a extrair os assuntos nele contidos para determinar os rótulos verbais, que servirão de ponto de acesso principal para a busca do documento original”. Assim, a preocupação com a catalogação de assunto e em como essas obras seriam recuperadas, posteriormente, foram características marcantes desta vertente.

De maneira geral, o principal instrumento da catalogação são os catálogos que podem ser classificados como “catálogos alfabéticos”, “catálogos sistemáticos” e os “catálogos alfabético-sistemático”. Segundo Miranda (2005, p. 62),

O catálogo alfabético pode se apresentar sob pontos de acesso específicos ou sob uma única ordem alfabética. Segundo essas opções temos os seguintes tipos de catálogos alfabéticos: onomástico (de autor); didascálico (de título); ideográfico (de assuntos); dicionário; dicionário dividido.

Já o catálogo sistemático possui entradas de assuntos organizadas a partir de uma ordem baseada em sistemas de classificação e que, também, podem possuir um índice alfabético. (SHERA; EGAN, 1969).

O catálogo alfabético-sistemático, “se constitui de entradas sistemáticas e para cada entrada possui uma ordenação alfabética” (MIRANDA, 2005, p. 62). Dentre as grandes contribuições deixadas por esta corrente, destaca-se o trabalho de Mevil Dewey com a criação da Classificação Decimal de Dewey (CDD) em 1876.

Dewey foi o primeiro a criar um sistema de classificação numérico e que ainda hoje é amplamente utilizado pelas unidades de informação. Em sua introdução à teoria da classificação, Piedade (1983) ressalta que a Classificação Decimal de Dewey pode ser considerada como a primeira classificação bibliográfica a influenciar outras classificações, o que torna a CDD o primeiro sistema de classificação a conquistar o status de universal.

Em 1880, Charles Ammi Cutter cria a Tabela de Cutter por não se sentir satisfeito com a notação decimal da classificação de Dewey. A Tabela de Cutter é utilizada para estabelecer um código alfanumérico para a classificação dos autores e também se encontra facilmente aplicada na atualidade.

A classificação criada pela *Library of Congress* em 1901 foi aplicada, inicialmente, apenas naquela unidade de informação. Entretanto, aos poucos, foi tomando espaço externo e continua sendo utilizada por outras instituições. A criação dessa classificação se deu pelo aumento considerável do acervo e com o objetivo de que o sistema atendesse às especificidades da biblioteca do congresso estadunidense e de seus usuários.

Além disso, as referências teóricas que nortearam os procedimentos técnicos de catalogação foram influenciadas pelos resultados das pesquisas da Escola de Chicago. De acordo com Guimarães (2008), uma das principais inferências deste movimento na área da organização do conhecimento foi a inserção de uma nova forma de catalogação relacionada especificamente ao campo do “assunto”. Santos e Rodrigues (2013) mencionam que foi com a Escola de Chicago que, nos Estados Unidos da América, começou-se a se refletir efetivamente nos problemas relacionados à área da Biblioteconomia norte-americana. Em parte, devido à criação do Doutorado em Biblioteconomia na Universidade de Chicago que possibilitou a discussão, em âmbito acadêmico, dos problemas cotidianas da área.

Na visão de Guimarães (2008), a construção de catálogos enquanto produto do tratamento temático para as bibliotecas fez parte das reflexões e ideias constituídas nas pesquisas empíricas da Escola de Chicago. Além disso, a busca por técnicas catalográficas coerentes com a realidade das bibliotecas foi constante entre os membros do movimento. Esse debate serviu para contextualizar, por exemplo, o surgimento de vários instrumentos da área como a Tabela de Cutter e os cabeçalhos da *Library of Congress*. Inseridos neste debate, Margaret Egan e Jesse Shera produziram e publicaram, em 1956, a obra “Catálogo sistemático: princípios básicos”, objeto de análise do próximo item.

3 A OBRA ‘CATÁLOGO SISTEMÁTICO: PRINCÍPIOS BÁSICOS’ DE JESSE SHERA E MARGARET EGAN

Jesse Hauk Shera (1903 – 1982) foi Bacharel em Artes com especialidade em Língua e Literatura Inglesa pela Universidade de Miami, especializado, mestre em artes pela *Yale University* também com especialização em Língua e Literatura Inglesa. Por fim, completou o doutorado em Filosofia pela Universidade de Chicago, com especialização em Biblioteconomia. Margaret Elizabeth Egan (1905 – 1959) foi Bacharel em Artes pela Universidade de Cincinnati, tornou-se mestre em Artes pela *Yale University* e completou seu doutorado em Filosofia pela Universidade de Chicago.

Os dois autores foram membros da *American Library Association* e trabalharam conjuntamente em estudos voltados à epistemologia da Biblioteconomia, como o desenvolvimento da teoria chamada de ‘Epistemologia Social’. O percurso profissional de ambos foi guiado, em grande parte, pela perspectiva pragmatista¹ da Universidade de Chicago, instituição na qual os pesquisadores tinham vinculação.

Em 1956, Shera e Egan publicam a obra “*The Classified Catalog: basic principles and practices*” por meio da *American Library Association*, em Chicago. O livro recebeu tradução portuguesa de Maria Neile Teles Landau e, em 1969, foi publicado sob o título “Catálogo Sistemático: princípios básicos e utilização”, edição aqui utilizada para análise. Encontra-se dividida em três capítulos, com exceção da introdução e dois apêndices, contando também com um índice e dois prefácios, sendo um deles específico na versão brasileira. O prefácio à edição brasileira foi escrito por Edson Nery da Fonseca, enquanto o original foi elaborado pelos próprios autores.

A introdução foi escrita por Herman H. Henkle, bibliotecário da *John Crerar Library*, uma biblioteca privada que, em 1981, integrou-se ao campus da

¹ O pragmatismo da Escola de Chicago foi criado por John Dewey e George Hebert Mead. Souza (2010 p. 6) define que na epistemologia pragmática “os objetos estão interrelacionados, a partir da lógica, no processo de construção do conhecimento. Isso permite a conexão de uns com os outros, o que levaria à aplicabilidade pragmática, uma vez que conhecer se trata de perceber essas conexões que ligam os objetos com um fim útil”.

Universidade de Chicago. Henkle insere a abordagem sistemática como um problema para os bibliotecários desde o início da Biblioteconomia. Além disso, contextualiza que, por meio de uma doação da Fundação Rockefeller, foi possível o desenvolvimento da pesquisa que originou o catálogo, feito com base no sistema de Classificação Decimal de Dewey. A eficiência do projeto resultou no desejo de divulgação do catálogo de modo a beneficiar também outras bibliotecas. Com isso, Egan e Shera criam o manual.

O capítulo 1, “Natureza e funções do catálogo da biblioteca”, está dividido em dois grandes tópicos: “I - Natureza e funções do catálogo da biblioteca”; e “II - Catálogo alfabético ou sistemático?”. O tópico I apresenta os objetivos do catálogo abordando pontos como inventário, recuperação da informação e recuperação mediante o acesso por assunto e traz, também, o formato do catálogo com normas de ordenação. O tópico II aborda as vantagens e desvantagens tanto do catálogo alfabético de assuntos, quanto do catálogo sistemático.

No capítulo 2, intitulado “Princípios gerais para a elaboração de um sistema de classificação”, o conteúdo também está dividido em dois grandes tópicos: “I – Princípios filosóficos de classificação”; e “II – Classificação bibliográfica”. Antes de adentrar nesses dois tópicos, há uma subseção introdutória.

O primeiro tópico contempla os seguintes assuntos: “conceitos básicos”; “conceito”; “categoria” (aristotélicas, kantianas e categorias fundamentais de Ranganathan); “nomes/termos”; “definição”; “classe”; “grupo”; “compreensão”; “extensão”; “classificar”; “classificação”; “sistemas de classificação” (tipologias); “divisão” e os “princípios gerais da classificação bibliográfica”; “limitações da classificação bibliográfica”; “notação”; “classificação ‘enumerativa’ e ‘sintética’” e “classificação multidimensional como solução para o dilema filosófico da classificação bibliográfica”.

Por fim, o terceiro capítulo, intitulado “Elaboração e manutenção do catálogo sistemático”, aborda “I – O catálogo e seus elementos auxiliares”, “II – Métodos de análises” e “III – Normas para a elaboração e manutenção de um catálogo sistemático”.

A seção I trata do “catálogo sistemático” (formas, diagramação, ordem de classes, disposição de entradas, fichas-guia e classificação do material), “índice de assunto” (entradas diretas, alternativas, assuntos correlatos, terminologia de entradas e forma física), “índices de coleções especiais”, “o catálogo de autor e título”, “outros elementos de auxílio para o uso do catálogo”, “a tabela de classificação”, “o índice numérico”, “o fichário de decisões” e o “manual de serviço”.

Na segunda seção, são abordadas a “classificação principal, classificação secundária”, “compreensão ou intensidade da classificação”, “a categoria da forma”. Na terceira e última seção deste capítulo, são tratadas as normas propriamente ditas.

Quanto aos apêndices da obra, o primeiro diz respeito ao método para a análise sistemática do material bibliográfico que será classificado e, o último, apresenta uma bibliografia sobre catálogos sistemáticos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao analisar a obra “Catálogo Sistemático: princípios básico” pode-se estabelecer uma relação entre o seu conteúdo e a perspectiva norte-americana, comumente definida como pragmática. O envolvimento de Shera e Egan com a Escola de Chicago também é fator determinante na adoção dessa perspectiva, pois a formação e atuação profissional dos autores se deram, justamente, neste contexto.

A história envolta na constituição da obra se integra, interage e se retroalimenta da Biblioteconomia estadunidense que possibilitou a emergência de uma corrente de pensamento que se convencionou chamar de “norte-americana”. Shera e Egan (1969, p. 5) comentam que “[...] nos Estados Unidos, a atenção dos bibliotecários tem-se voltado mais para o uso do que para a organização do acervo das bibliotecas”. Nesse sentido, a replicação acrítica de sistemas de classificação e ordenação dos acervos formou um cenário ‘padrão’ entre diversas unidades de informação, carentes de uma atividade reflexiva sobre o acesso à informação.

Aí pesa a crítica dos autores estudados, principalmente quando afirmam

que a Classificação Decimal de Dewey e a classificação da *Library of Congress* engessaram os bibliotecários. Isso porque, ainda de acordo com Shera e Egan (1969), estes profissionais passam a seguir tais sistemas de organização do conhecimento sem cogitar a possibilidade de uma reclassificação ou recatologação de acordo com as necessidades particulares de suas unidades de informação. Contudo, os autores deixam claro que não criticam a construção dos sistemas, propriamente ditos, mas da visão dos bibliotecários em encará-los como verdades absolutas, livres de qualquer contestação.

Não é demais lembrar que na segunda metade do século XX, com a intensa produção bibliográfica advinda da Segunda Guerra Mundial, inaugura-se também um cenário de maior pressão sob as bibliotecas no sentido de organização e gestão desses documentos. E, além da pressão, surge a necessidade de estudos que apresentem soluções para o problema da organização do conhecimento o que, de certa forma, já havia começado na Universidade de Chicago quando inaugurou, em 1928, o primeiro Doutorado em Biblioteconomia.

É preciso esclarecer ainda que algumas bibliotecas estadunidenses vinham utilizando há algum tempo tipos específicos de catálogos sistemáticos. Exemplos de instituições que faziam uso deste tipo de catálogos são: a Biblioteca das Sociedades de Engenharia, em Nova York; o Departamento Científico-Tecnológico da Biblioteca Carnegie, em Pittsburgh; e a Biblioteca da Universidade de Boston. No Brasil, segundo Lentino (1971), as bibliotecas que mais se destacaram na utilização de catálogos sistemáticos foram a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, a Biblioteca da Faculdade de Farmácia e Odontologia e a Seção Circulante da Faculdade de Direito, todas em São Paulo.

Porém, embora tenha existido um movimento de implantação dos catálogos sistemáticos e que é exemplificado pelo esforço de Shera e Egan, os catálogos-dicionário eram, e ainda são, os tipos mais adotados mundialmente, embora tenham mudado o seu formato devido às novas tecnologias digitais de informação. Contudo, Shera e Egan (1969) vislumbraram a possibilidade de aprimoramento do catálogo sistemático pois acreditavam que a especialização das pesquisas poderia ser beneficiada com este instrumento. Conforme os

autores colocam, o catálogo sistemático reuniria não só o material bibliográfico como, também, o material de assunto correlato ou semelhante a ele. Shera e Egan (1969) ainda afirmam que este tipo de catálogo foi fortemente influenciado pelas grandes enciclopédias dos séculos XVIII e XIX e que havia estudos na Europa continental da utilidade do catálogo sistemático para o pesquisador.

Shera e Egan (1969, p. 11) esclarecem ainda que “o catálogo da biblioteca não existe – ou não deveria existir – como um fim em si mesmo” e é neste ponto que fica evidente a concepção da Escola de Chicago na obra estudada. Para os pesquisadores desta escola, os procedimentos técnicos ou as práticas de gestão do conhecimento devem ser apenas um meio, uma vez que o fim é a recuperação da informação para o ser humano, para o usuário da biblioteca. Nesse sentido, pode-se dizer que para Shera e Egan (1969) catálogo não serve para o próprio catálogo e isto torna sua concepção bem distinta da usualmente adotada.

Para aprofundar esta análise, cita-se Cunha e Cavalcanti (2008) para quem o catálogo é um documento responsável por listar as obras pertencentes a um acervo, público ou privado, e que determina sua localização, temporária ou permanente. Enquanto que, para Shera e Egan (1969), essa definição seria o que os autores mencionam como as funções básicas de um catálogo: determinar o item existente e sua localização e, também, indicar o material presente na biblioteca.

Porém, se percebe que o catálogo sistemático prioriza a relação entre assuntos de itens diferentes o que facilitaria ao pesquisador quando este for buscar por determinada temática. É o pesquisador o verdadeiro fim para o catálogo sistemático. É o usuário. É o que a vertente humanística da Escola de Chicago difunde e é o “pano de fundo” dos estudos acerca dos catálogos sistemáticos, neste caso, desenvolvido por Shera e Egan.

“O índice de assunto é a chave do catálogo sistemático [...]” (SHERA; EGAN, 1969, p. 142). Por fugir de uma classificação hierárquica no que diz respeito à forma primitiva de classificação, a leitura do catálogo-sistemático exige mais esforço para compreensão por parte dos usuários devido a sua complexidade e especificidade disciplinar. Por consequência, o catálogo

sistemático foi mais aceito e empregado em instituições com acervos especializados, tais como a Biblioteca das Sociedades de Engenharia (Nova York) e o Departamento Científico-Tecnológico da Biblioteca Carnegie (Pittsburgh). Afirmando, portanto, a utilidade do instrumento em ambientes com acervos específicos, conforme a premissa de Shera e Egan.

O catálogo sistemático proposto por Shera e Egan é baseado no arranjo da Classificação Decimal de Dewey. No entanto, se reconhece que, nos catálogos sistemáticos, o princípio multidimensional existente, de modo genérico, é baseado na Classificação Decimal Universal, na Classificação dos Dois Pontos de Ranganathan, no sistema científico de Jason Farradane e na indexação coordenada de Mortimer Taube².

A catalogação de assunto, principal contribuição da corrente norte-americana ao tratamento temático da informação, é o que embasa o próprio catálogo sistemático. Na obra estudada, percebe-se a preocupação dos autores em indicar, aos bibliotecários, possibilidades de aplicação de acordo com os contextos particulares. Contudo, deixam claro que a visão crítica por parte dos gestores das bibliotecas interessadas na adoção do catálogo sistemático deve permear a leitura do livro.

Esse olhar crítico que é permitido, suscitado e instigado por Shera e Egan (1969) vem como suporte à falta de criticidade dos bibliotecários, mencionada pelos próprios autores, no momento da adoção de sistemas de organização do conhecimento amplamente utilizados pelas unidades de informação, a exemplo da Classificação Decimal de Dewey. Isto mostra que o objetivo da obra, como já fora elencado por Henkle, é a real apresentação dos princípios de um catálogo sistemático.

É importante considerar também que as críticas feitas a outros sistemas de organização do conhecimento não tinham por objetivo justificar a proposta de Egan e Shera (1969), pois apenas serviam para alertar sobre a necessidade da consciência crítica na sua adoção. Essa crítica serve, inclusive, para subsidiar a

² Para isso, ver: FARRADANE, J. A scientific theory of classification and indexing and its practical applications. **Journal of Documentation**. Londres, [entre 1950-1952].

TAUBE, M. *et al.* **Studies in coordinate indexing**. [S. l.]: Documentation incorporated. 1953.

decisão sobre o melhor catálogo para a instituição: sistemático, alfabético ou o alfabético-sistemático. Os detalhes técnicos presentes mais ao final da obra também possibilitam a aplicação efetiva das diretrizes propostas por Shera e Egan (1969). A concepção da corrente norte-americana e da Escola de Chicago de se fazer produtos relacionados à catalogação de assunto a partir da produção de um conhecimento que seria útil para aquela sociedade fica bem clara no discurso da obra.

5 CONCLUSÕES

A presença e a importância das técnicas de catalogação de assunto corroboram para a inserção do catálogo sistemático como um dos produtos deixados pela corrente norte-americana. Além disso, a relação de um dos autores da obra analisada com o movimento da Escola de Chicago reafirma a ligação entre as temáticas elencadas neste artigo.

A catalogação de assunto, portanto, pode ser encontrada por meio dos catálogos-alfabéticos, catálogos-sistemáticos e catálogos alfabético-sistemáticos. De modo geral, as classificações alfabéticas como a Classificação Decimal de Dewey e a classificação da *Library of Congress* e a Tabela de Cutter foram as principais contribuições deixadas pela corrente norte-americana. O sistema hierárquico desses catálogos dicionários, por não exigirem maior grau de especificidade, foi o mais adotado entre as bibliotecas dos Estados Unidos e de outros países, inclusive o Brasil.

De fato, dada a complexidade da estrutura do catálogo sistemático, entende-se que para unidades de informação de cunho mais geral, a exemplo das bibliotecas públicas e escolares, a sua utilização pode ser difícil. Contudo, os princípios básicos e a descrição não só da estrutura como do próprio processo de construção desse catálogo ainda pode ser útil para bibliotecários que se encontram na fase de tomada de decisão quanto às normas referentes ao tratamento temático da informação em suas instituições.

Conclui-se, também, que estudos relacionados à produção de grandes teóricos e de movimentos relacionados à Biblioteconomia são importantes para o pensamento reflexivo e crítico dos profissionais da Ciência da Informação.

Além disso, corroboram para o avanço teórico-metodológico da área, uma vez que a ciência se faz no processo histórico que comporta relações políticas, sociais, econômicas e acadêmicas. As discussões teóricas, principalmente nos aspectos da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento são necessárias e contribuem para o amadurecimento da área, tanto no que já se encontra consolidado quanto nos desafios e novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

- BARITÉ, M. **Glosario sobre organización y representación del conocimiento, clasificación, indización, terminología**. Montevideo: Comisión Sectorial de Investigación Científica, 1997. Disponível em: <http://archivos.liccom.edu.uy/diccionario/Diccionario%20Definitivo%20%5B3-11-13%5D.html#O>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CAFÉ, L.; SALES, R. Organização da informação: Conceitos básicos e breve fundamentação teórica. *In*: ROBREDO, J.; BRÄSCHER, M. (Orgs.). **Passeios no Bosque da Informação: Estudos sobre Representação e Organização da Informação e do Conhecimento**. Brasília DF: IBICT, 2010. p. 115-129. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/36/1/eroic.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 451p.
- DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.
- GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, S.l.**, v. 1, n. 1, fev. 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/940>. Acesso em: 26 nov. 2019.
- LENTINO, N. Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica. São Paulo: Polígono, 1971. 409p.

MELO, M. A. F.; BRÄSCHER, M. Termo, conceito e relações conceituais: um estudo das propostas de Dahlberg e Hjørland. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 41, n. 1, p.67-80, jan./abr., 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/%20view/1419>. Acesso em: 25 nov. 2019.

MIRANDA, M. L. C. de. **Organização e representação do conhecimento: fundamentos teórico-metodológicos na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais**. 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2005.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução a teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221p.

REDIGOLO, F. M. **O processo de análise de assunto na catalogação de documentos: a perspectiva sociocognitiva do catalogador em contexto de Biblioteca Universitária**. 2010. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/redigolo_fm_me_mar.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.

SANTOS, A. P. L. dos; RODRIGUES, M. E. F. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p.116-131, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248/264>. Acesso em: 27 out. 2019

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. **Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização**. Brasília, DF: Ed. Univ. Brasília, 1969. 174p.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. The training of Librarians and Documentalists in the United States. *In*: BRIET, S. **Enquiry concerning the professional education of Librarians and documentalists: report to the Joint Committee of the International Federation of Library Associations and of the International Federation for Documentation**. Paris: UNESCO, 1951.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. A review of the present state of librarianship and documentation. *In*: BRADFORD, S. C. **Documentation**. 2 ed. London: Crosby, Lockwood & Soon. 1953. p. 11-45.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. Examen del extado acutel de la Biblioteconomia y de la Documentacion. *In*: BRADFORD, S. C. **Introduction to documentation**. London: C. Lockwood. 1963. Tradução.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. Documentation in the United States. **American Documentation**, v. 1, n. 1, jan. 1950. p. 8-12.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. Foundations of a theory of Bibliography. **Library Quarterly**, v. 22, n. 2, abr. 1952. p. 125-37.

SOUZA, R. A. de. A filosofia de John Dewey e a epistemologia pragmatista. **Revista Redescrições**: Revista online do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-Americana. v. 2, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescricoes/article/view/14765/0>. Acesso em: 27 out. 2019.

VIEIRA, K. R. **A contribuição de Jesse Shera para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação**. 2016. 55 f. TCC (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

THE CHICAGO SCHOOL AND THE THEMATIC DIMENSION OF INFORMATION

ABSTRACT

Introduction: The article proposes the dialogue between a specific work with the American current coming from the Chicago School movement, which influences in the cataloging of widely used subject and debated in the scientific environment until the present day. It is understood that such discussion contributes to the theoretical advance of the area. **Objective:** To verify, through bibliographic production, how the theoretical characteristics of the thematic dimension of American information influenced or were influenced by the work "The Classified Catalog: Basic Principles and Practices" by Jesse Shera and Margaret Egan of the Chicago School. **Methodology:** This is a review article, based on exploratory and descriptive research, having as source the bibliographical references that were analyzed from the historical method. In this process, the source is understood as an end product that encompasses intentions, conflicts and power relations, both in terms of authority and its circulation. **Results:** Describes the process of theoretical grounding in the field of thematic treatment of information focusing on the North American perspective represented by the work and selected authors. It presents the influence of the subject field in the systematic cataloging, showing that this was the main proposal of the analyzed work. **Conclusions:** It is concluded that the librarian concern of access to information with the focus on the user, current paradigm in Information Science, is strongly related to the Chicago School movement.

Descriptors: Thematic treatment of information. Subject Cataloging. Systematic catalog.

ESCUELA DE CHICAGO Y LA DIMENSIÓN TEMÁTICA DE LA INFORMACIÓN

RESUMEN

Introducción: El artículo propone el diálogo entre un trabajo específico con la corriente estadounidense proveniente del movimiento de la Escuela de Chicago, que influencia en la catalogación de temas ampliamente utilizados y debatidos en el entorno científico hasta el día de hoy. Se entiende que dicha discusión contribuye al avance teórico del área. **Objetivo:** Verificar, a través de la producción bibliográfica, cómo las

características teóricas de la dimensión temática de la información estadounidense influyeron o fueron influenciadas por el trabajo "Catálogo sistemático: principios básicos" de Jesse Shera y Margaret Egan de la Escuela de Chicago. **Metodología:** Este es un artículo de revisión, basado en investigación exploratoria y descriptiva, que tiene como fuente las referencias bibliográficas que se analizaron a partir del método histórico. En este proceso, la fuente se entiende como un producto final que abarca intenciones, conflictos y relaciones de poder, tanto en términos de autoridad como de circulación. **Resultados:** Describe el proceso de fundamentación teórica en el campo del tratamiento temático de la información centrado en la perspectiva norteamericana representada por el trabajo y los autores seleccionados. Presenta la influencia del campo temático en la catalogación sistemática, lo que demuestra que esta fue la propuesta principal del trabajo analizado. **Conclusiones:** Conclui-se que a preocupação biblioteconômica do acesso à informação com o foco no usuário, paradigma atual na Ciência da Informação, está fortemente relacionada ao movimento da Escola de Chicago.

Descriptores: Tratamiento temático de la información. Catalogación de temas. Catálogo sistemático.

Recebido em: 19/12/2019

Aceito em: 27/03/2020